

Prefácio

Todas as segundas e quartas-feiras à tarde do primeiro semestre dou aulas a várias centenas de alunos de Yale sobre o tema da história da Guerra Fria. Ao fazê-lo, tenho de estar constantemente a lembrar-me de que quase nenhum deles se recorda dos acontecimentos que descrevo. Quando falo de Estaline e Truman, ou mesmo de Reagan e Gorbachev, bem podia estar a falar de Napoleão, Júlio César ou Alexandre Magno. A maioria dos alunos da turma de 2005, por exemplo, tinha apenas cinco anos de idade quando caiu o Muro de Berlim. Sabem que a Guerra Fria determinou as suas vidas de várias formas, porque lhes contaram como ela afectou as suas famílias. Alguns – mas não todos – compreendem que se algumas das decisões tomadas em momentos críticos desse conflito tivessem sido diferentes, eles podiam nem sequer ter nascido. Mas os meus alunos inscrevem-se neste curso com muito pouca noção do que foi a Guerra Fria, de como começou ou da razão por que terminou da forma como terminou. Para eles é história: não muito diferente da guerra do Peloponeso.

E no entanto, quando ficam a saber mais sobre a grande rivalidade que dominou a última metade do século passado, sentem-se fascinados, muitos espantados, e alguns – normalmente depois da aula sobre a crise dos mísseis de Cuba – saem da sala muito agitados. «Bolas!», exclamam (estou a aligeirar um pouco). «*Não* fazíamos ideia de que tínhamos estado *tão* perto!» E depois acrescentam, invariavelmente:

«Incrível!» Para esta primeira geração do pós-Guerra Fria, portanto, a Guerra Fria é ao mesmo tempo distante e perigosa. O que poderia alguém alguma vez ter a temer, interrogam-se, de um Estado que se revelou tão fraco, vacilante e *efémero* como a União Soviética? Mas também se interrogam, e a mim: como foi possível termos sobrevivido à Guerra Fria?

Escrevi este livro para tentar responder a essas perguntas mas também – num registo menos sério – a outra que os meus alunos me fazem com frequência. Não lhes passou despercebido que já escrevi vários livros sobre a história da Guerra Fria; na verdade, costumo recomendar-lhes um que exige a leitura de quase 300 páginas só para chegarem a 1962. «Não pode abranger mais anos com menos palavras?» perguntaram alguns, delicadamente. É uma pergunta razoável e ficou a parecê-lo ainda mais quando o meu agente, Andrew Wylie, extremamente persuasivo, resolveu convencer-me da necessidade de um livro conciso, abrangente e acessível sobre a Guerra Fria – uma maneira delicada de sugerir que os anteriores não o tinham sido. E como, para mim, ouvir os meus alunos e o meu agente é quase tão importante como ouvir a minha esposa (que também gostou da ideia), pareceu-me valer a pena encetar o projecto.

Este livro, portanto, destina-se sobretudo a uma nova geração de leitores para quem a Guerra Fria nunca foi uma «actualidade». Espero que os leitores que sobreviveram à Guerra Fria também achem o volume útil, porque como disse um dia Marx (Groucho, não Karl), «Afora o cão, o livro é o melhor amigo do homem. Dentro do cão, está demasiado escuro para ler». Enquanto decorria a Guerra Fria era difícil saber o que estava a acontecer. Agora que terminou – e agora que se começaram a abrir os arquivos soviéticos, da Europa de Leste e chineses – sabemos muito mais: tanto, na verdade, que é fácil perdermos-nos. Mais uma razão para escrever um livro conciso, obrigando-me a aplicar a todas estas novas informações o simples «teste de importância» celebrizado pelo meu falecido colega de Yale, Robin Winks: «Sim, e então?»

Gostaria de acrescentar algumas palavras sobre o que este livro *não* pretende ser. Não é um trabalho académico original. Os historiadores da Guerra Fria conhecerão grande parte do que digo, quer porque me servi bastante das suas obras, quer porque repito o que já disse nas minhas. O livro também não procura encontrar as causas, na Guerra

Fria, de fenómenos do pós-Guerra Fria como a globalização, a limpeza étnica, o extremismo religioso, o terrorismo ou a revolução da informação. Nem tão-pouco faz qualquer contribuição para a teoria das relações internacionais, disciplina já recheada de problemas sem que lhe acrescente os meus.

Ficarei satisfeito, porém, se esta perspectiva da Guerra Fria como um todo produzir novas maneiras de olhar para as suas partes. Uma que me impressionou especialmente foi o optimismo, qualidade raramente associada à Guerra Fria. O mundo, tenho a certeza, é hoje um lugar melhor por esse conflito ter sido travado como foi e ganho pelo lado que o ganhou. Ninguém hoje teme uma nova guerra mundial, nem uma vitória total dos ditadores, nem que a própria civilização possa acabar. Não era assim quando a Guerra Fria começou. Apesar dos seus perigos, atrocidades, custos, loucuras e transigências morais, a Guerra Fria – como a Guerra Civil americana – foi uma contenda necessária que resolveu questões fundamentais de uma vez por todas. Não temos razões para sentir a sua falta mas, considerando as alternativas, temos também poucas razões para lamentar a sua ocorrência.

A Guerra Fria foi travada a níveis diversos, de maneiras diferentes e em vários lugares durante um longo período de tempo. Qualquer tentativa de reduzir a sua história unicamente ao papel das grandes forças, grandes potências ou grandes líderes acabaria por não lhe fazer justiça. Qualquer tentativa de contê-la numa simples narrativa cronológica só poderia produzir lixo. Optei, pois, por dedicar cada capítulo a um tema importante: consequentemente, eles sobrepõem-se no tempo e deslocam-se no espaço. Tomei a liberdade de fazer aproximações do geral para o particular e vice-versa. E não hesitei em escrever de uma perspectiva que considera o modo como surgiu a Guerra Fria: não conheço outra forma.

Finalmente, quero agradecer às pessoas que inspiraram, facilitaram e aguardaram pacientemente por este livro. Entre elas estão certamente os meus alunos, cujo permanente interesse na Guerra Fria sustenta o meu. Agradeço também a Andrew Wylie, como sei que agradecerão futuros alunos, por ter sugerido este método de abarcar mais anos com menos palavras – e por desde então ter ajudado vários dos meus antigos alunos a publicar os seus próprios livros. Scott Moyers, Stuart Proffitt, Janie Fleming, Victoria Klose, Maureen Clark, Bruce Giffords, Samantha Johnson e os seus colegas na Penguin revelaram uma sere-

nidade de espírito admirável perante os prazos não cumpridos e uma eficiência exemplar na produção deste livro em atraso uma vez terminado. Dificilmente o poderia ter escrito sem Christian Ostermann e os seus colegas do «Cold War International History Project», cuja energia e eficácia na recolha de documentos de todo o mundo (no dia em que escrevo chegou o último acervo dos arquivos albaneses) colocaram todos os historiadores da Guerra Fria em dívida para com eles. Por fim, mas nunca em último lugar, agradeço a Toni Dorfman, a melhor revisora e a esposa mais dedicada do mundo.

A dedicatória celebra uma das maiores figuras da história da Guerra Fria – e amigo de longa data – cuja biografia será agora da minha responsabilidade escrever.

J.L.G.
NEW HAVEN